



## **TÉRMINO, TRANSIÇÃO E VIDA PÓS-ATLETA ENTRE CORREDORAS OLÍMPICAS BRASILEIRAS**

Resumo - Esta pesquisa teve como objetivo identificar e analisar os significados do término, transição de carreira e vida pós-atleta com base na narrativa biográfica de corredoras olímpicas brasileiras. Resultado de um trabalho dialógico e colaborativo entre atleta (narrador) e pesquisador (ouvinte), a narrativa biográfica permitiu observar, de forma preliminar, que o término e a transição de carreira não são experiências mediadas apenas por características inerentes ao alto rendimento esportivo profissional, como idade, dor ou curva de desempenho. Os preconceitos de gênero e o potencial alienante da alta exigência do expediente esportivo também atravessam a vida mulher-atleta desde o início de sua trajetória esportiva, levando-a a adotar posições mais providentes e autônomas de preparação para a transição e ressignificação da identidade atlética.

Palavras-chave: Narrativas Biográficas; Transição de Carreira; Vida Pós-atleta.

## **RETIREMENT, TRANSITION AND POST-ATHLETE LIFE BETWEEN BRAZILIAN OLYMPIC CORRIDORS**

Abstract - This research aimed to identify and analyze the meanings of the retirement, career transition and post-athlete life based on the biographical narrative of female Brazilian Olympic runners. Result of a dialogical and collaborative work between athlete (narrator) and researcher (listener), the biographical narrative allowed highlighting, in a preliminary way, that the retirement and career transition are not experiences mediated only by characteristics inherent in high professional sports performance, such as age, pain or performance curve. The gender relations and the alienating potential of the high work demands of sports also cross the woman-athlete life since the beginning of her sporting trajectory, leading her to adopt more provident and autonomous positions of preparation for the transition and resignification of the athletic identity.

Key words: Biographical Narratives; Career Transition; Post-athlete life.

## **TÉRMINO, TRANSIÇÃO Y VIDA PÓS-ATLETA ENTRE CORREDORAS OLÍMPICAS BRASILEÑAS**

Resumen - Este estudio tuvo como objetivo identificar y analizar los signos del retiro, transición de carrera y vida post-atlética, sostenido en la narrativa biográfica de las atletas olímpicas brasileiras del atletismo. Resulta en un trabajo dialógico y colaborativo entre la atleta (narrador) y el investigador (oyente), la narrativa biográfica miró, de manera preliminar, que el retiro y la transición de la carrera no son experiencias mediadas solamente por características inherentes al alto rendimiento deportivo profesional, como la edad, el dolor o la curva de rendimiento. Los prejuicios del género y el potencial alienante de la alta exigencia del trabajo deportivo también atraviesan la vida de la mujer-atleta, desde el comienzo de su trayectoria deportiva, obligándola a adoptar posiciones más prudentes y autónomas e preparación para la transición e resignificación de la identidad atlética.

Palabras-clave: Narrativas Biográficas, Transición de carrera, vida post-atlética

*Neilton Ferreira Junior*

*Escola de Educação  
Física e Esporte*

*Universidade de São  
Paulo*

*neilton.ferreirajunior@  
gmail.com*

*Katia Rubio*

*Escola de Educação  
Física e Esporte*

*Universidade de São  
Paulo*

*[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v1n2.id22](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n2.id22)*

## **Introdução**

Após superarem barreiras impostas pelo próprio Comitê Olímpico Internacional (COB) e Estado à sua participação no esporte de alto nível, as mulheres-atletas prosseguem com sua agenda emancipatória, assumindo - não sem dificuldades - as mais diversas frentes, dentro e fora do esporte. Contrariando a todos os estereótipos e prognósticos, elas têm ocupado seu lugar na história e desenvolvimento do esporte moderno, tomando o sonho olímpico como seu objeto de desejo e a experiência esportiva como plataforma de ressignificação da identidade. Esse processo transição ainda encontra inúmeras barreiras, dentre as quais se destacam as desigualdades de distribuição salarial, infraestrutura e visibilidade. Desigualdades que persistem em deixar a categoria feminina à margem do profissionalismo e que influenciam decisivamente sua passagem pelo esporte e projetos futuros.

Dito de outra maneira, para aquelas que escolheram fazer da prática esportiva uma carreira, questões de gênero apenas se somam a aspectos inerentes ao esporte contemporâneo, a começar pela efemeridade, instabilidade e iminente término da carreira esportiva. Fase inevitável a qualquer trajetória de trabalho, o término da carreira atlética se distingue por ocorrer cedo demais, quase sempre de forma abrupta e carente de suporte institucional adequado, resultando em uma difícil ruptura identitária, uma transição que envolve aspectos fisiológicas, psicossociais e financeiras.

O fato de as primeiras medalhas da delegação feminina brasileira terem sido conquistadas somente sessenta e quatro anos após a participação de sua primeira representante (Maria Lenk, Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932) sugere uma história coletiva de passagem pelo esporte rigorosamente distinta da história masculina, principalmente porque aos homens não foram impostas barreiras institucionais à sua participação no alto rendimento e ocupação de cargos de liderança no pós-carreira<sup>1, 2, 3, 13, 17</sup>. Condição que nos leva a questionar não só a forma como a identidade atlética feminina se constitui, mas como ela se ressignifica através das transições de carreira<sup>1, 3</sup>.

Assim, o objetivo desta pesquisa é identificar os significados do término, transição de carreira e vida pós-atleta a partir das narrativas biográficas de ex-corredoras olímpicas brasileiras.

## **Conceitos aplicados ao término e à transição de carreira atlética**

Término e transição de carreira atlética representam mudanças de pressupostos pessoais, mudanças que requerem um conjunto de competências que possibilitem a atleta se adequar às novas dimensões e demandas da vida pós-atleta, à nova carreira<sup>4, 5</sup>. Podem ser desencadeadas por uma livre escolha resultante da busca voluntária por novos interesses, desafios profissionais, como podem ser desencadeadas de forma não-antecipada, acidentalmente, devido lesões crônicas, punições institucionais, rescisões contratuais ou decisões políticas<sup>4, 6, 7</sup>; situações para as quais a atleta pode não estar devidamente preparada. Por último, termos e transições de carreira atlética podem representar não-eventos, que se traduzem em casos de carreiras atléticas que se encerram sem que as suas razões de ser (objetivos, metas, resultados, medalhas, fama) se realizem conforme o esperado. Ciclos olímpicos que se encerram sem a conquista do tão sonhado índice ou medalha propriamente dita, resultados positivos que não se traduzem em retorno financeiro justo, prestígio e ascensão social ou vida pós-atleta particularmente insatisfatória, são alguns exemplos de *não-eventos*<sup>4, 7, 8, 9, 10</sup>.

A forma como a atleta vivencia o término e a transição da carreira depende das características que os eventos desencadeadores assumem dentro de um determinado contexto e momento histórico esportivo<sup>6, 10</sup>. Dependerá também do tipo de suporte (ou ausência deste), das características individuais de enfrentamento e dos significados atribuídos à mudança<sup>4, 8</sup>. Do ponto de vista da identidade, término e transição de carreira atlética representam processos ainda mais complexos e não lineares de busca por ressignificação da vida subjetiva e social, em que o nível de identificação com a identidade atlética e os aspectos socioculturais inerentes à idade adulta desempenham papel determinante<sup>8, 10, 11, 12, 13, 14, 19</sup>.

### **Término e transição de carreira da mulher-atleta**

Ainda em 1983, Coakley<sup>6</sup> demonstrava que pesquisas realizadas com diferentes grupos de atletas poderiam nos oferecer considerações complementares e até antagônicas à conclusões até então reinantes sobre os significados do término e da transição de carreira atlética. Ancoradas à categoria profissional masculina (norte-americana e europeia) as primeiras aproximações teóricas definiam o término da carreira atlética como uma experiência inevitavelmente traumática, desconsiderando-a enquanto parte de um processo de transição dentro do qual estão incluídas fases finitas de ajustamento e adaptação. Em outras

palavras, a compreensão da natureza e dinâmica do término e transição de carreira atlética passa necessariamente pela consideração dos fatores históricos, socioeconômicos, étnico-raciais e de gênero que estruturam o próprio fenômeno esporte<sup>6</sup>. Seguindo mesma linha de raciocínio, Greendorfer e Blinde<sup>14</sup> chamaram a atenção para os limites da investigação baseada em instrumentos estatísticos que, embora inquestionavelmente úteis, não podem capturar fenômenos que são constituídos essencialmente por intensidade e significado; sendo mais recomendável, portanto, a adoção de abordagens qualitativas que deem voz à percepção do próprio atleta acerca de sua experiência de transição.

Mas embora a pesquisa sobre o tema tenha se ramificado geográfica, conceitual e metodologicamente, pouco se discutiu até então sobre como a mulher-atleta vivencia e percebe o término e a transição de carreira, situação que interfere decisivamente a quantidade de programas voltados ao apoio e à preparação da mulher-atleta para o término e transição de carreira<sup>9, 14, 15</sup>. As raízes desse problema se localizam em pelo menos dois determinantes históricos. O primeiro remonta o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, universidade e processo eleitoral; direitos que só começaram a ser reconhecidos – não sem resistência – no início do século XX. O segundo determinante se refere ao amplamente investigado projeto de interdição da participação feminina em esportes de alto rendimento, defendido tanto por autoridades do esporte, como autoridades políticas e médicas ao longo de todo o século passado; projeto ideológico que influenciou diretamente o reconhecimento da representatividade do gênero feminino enquanto fenômeno a ser investigado cientificamente. Tal invisibilidade só começa a ser superada quando nos anos 1960 a sociologia passa a ensaiar suas primeiras aproximações teóricas ao esporte, acompanhada do pioneirismo científico de feministas e historiadoras cuja obra denunciava a história e a ciência como mecanismos de manutenção da hegemonia masculina no esporte<sup>2, 3, 13, 16, 17</sup>.

Cada vez mais ocupado por elas, o esporte foi se revelando campo aberto de disputa política em que, de um, conservadores reivindicavam a manutenção da “ordem natural das coisas”, e do outro, as mulheres, nos mais diferentes campos, seguiam com sua agenda emancipatória inadiável. Ao revisitar os últimos dez anos de publicações do *Journal of Sport History*, Vertinsky<sup>16</sup> constatou que histórias de protagonismo feminino só começam a ser formalmente publicadas por volta dos anos 1970. E somente dez anos mais tarde é que narrativas de trajetórias atléticas femininas passaram a ocupar páginas de revistas científicas e livros. Embora tardio, esse movimento tinha o claro objetivo de devolver à atleta seu lugar

original na história universal do esporte, trazendo-a também para o centro do debate sobre o que é o esporte moderno e o que é ser e deixar de ser um atleta de alto rendimento.

Fortemente ancorado à história social e aos estudos de gênero, o aporte teórico emergente passou a iluminar horizontes de pesquisa até então inabitados, os quais, no Brasil, começam a se fazer conhecer através da história, identidade e realidade narrativo-biográfica de atletas e pós-atletas<sup>2, 3, 13</sup>. De modo geral, esses estudos vão concordar com o fato de que a trajetória atlética feminina foi – como continua a ser – marcada por interdições pautadas essencialmente em preconceitos de gênero, ao mesmo tempo que ela se insere num processo histórico de rupturas e jornadas emancipatórias intrinsecamente relacionadas às reivindicações feministas e às próprias mudanças socioculturais até hoje em curso<sup>18</sup>.

Apesar de não haver registros que confirmem a existência de frentes feministas se ocupando da questão esportiva no Brasil<sup>20</sup>, inúmeras narrativas de mulheres-atletas brasileiras – das mais diferentes épocas e modalidades – remontam histórias de transgressão e realizações inimagináveis diante de boicotes e barreiras diversas<sup>1, 20 21, 22, 23</sup>. E uma vez que a ascensão social e financeira através do esporte deixa de ser uma aspiração exclusivamente masculina para fazer parte do conjunto de interesses femininos, a compreensão da carreira atlética e de suas respectivas fases se redimensiona inevitavelmente, obrigando os estudiosos do tema a restabelecer o tamanho original do fenômeno esporte de alto rendimento profissional e dos fatores que determinam o destino dos seus protagonistas.

Uma das primeiras pesquisas sobre o término e a transição de carreira de mulheres atletas reuniu 28 ex-tenistas estadunidenses para analisar como elas concebiam a carreira esportiva e a vida pós-atleta. Verificou-se que as ex-tenistas compreendiam a saída do circuito competitivo não como uma experiência negativa, mas como uma oportunidade de recuperarem papéis sociais e estilos de vida “mais tradicionais”. Conclusão que se fortaleceu no fato de as ex-tenistas não terem considerado a própria carreira atlética como primeira opção profissional, embora atuassem em alto nível. O circuito de tênis representava para elas apenas parte importante de uma vida que se desenvolvia para do esporte<sup>19</sup>. Vale aqui ressaltar o fato de que esses resultados emergiram de um momento histórico e contexto sociocultural específico, ainda marcado pelo amadorismo, bem como pelas características socioeconômicas da classe que a adotou.

Em estudo prospectivo, Oliveira, Polidoro e Simões<sup>21</sup> investigaram a carreira de 11 voleibolistas brasileiras profissionais, analisando a forma como se preparavam para a vida

pós-atleta. Os autores constataram que embora a jornada de trabalho das atletas ultrapassasse em tempo, volume e intensidade, jornadas de trabalho tradicionais, seus vínculos institucionais não previam direitos trabalhistas fundamentais, como férias remuneradas, décimo terceiro salário, fundo de garantia ou previdência. Outro importante ponto apresentado pela pesquisa se referia ao expediente. Apesar de a totalidade das atletas ter completado o ensino médio, elas encontravam barreiras ao ingresso e à continuidade da formação universitária; problema que se somou à dificuldade de conciliação de atividades para além do esporte, como lazer, hobbies, dentre outros interesses. Os autores mostraram ainda que as voleibolistas brasileiras pensavam pouco a vida pós-atleta, uma vez que se encontravam em pleno vigor produtivo e com o foco exclusivamente dirigido para as metas de excelência no esporte, restando-lhes apenas o cuidado com as finanças. Além de questões de ordem trabalhista, o grupo investigado apresentou demandas de orientação vocacional e de preparação para a transição.

Ao acompanhar o processo de reabilitação de 6 jovens atletas brasileiras, praticantes de basquetebol e voleibol, Markunas<sup>22</sup> considerou o fato de que a carreira atlética interrompida por lesões crônicas obriga a atleta a encarar incertezas acerca de sua continuidade no esporte e futuro fora dele. Mas acrescentou que tanto a lesão quanto o período de recuperação desempenham papéis cruciais no processo de ressignificação da identidade atlética, uma vez que deslocam a atleta da sua agenda habitual para um tempo e espaço que lhe permite visualizar e até experimentar possibilidades distintas. Ao longo desse processo, as atletas em reabilitação passam por fases como: (i) reflexão sobre a manutenção da convivência com a dor e sobre o esforço extenuantes do compromisso esportivo, (ii) avaliação sobre as reais condições do suporte institucional, (iii) diminuição da satisfação com a participação no esporte de alto rendimento e (iv) aumento do interesse por outras áreas de atuação, desencadeado pelo (v) afastamento da rotina de treinamento.

Em estudo de caso sobre transição de carreira da medalhista olímpica Maria Paula Silva (Magic Paula), Ferreira Junior<sup>23</sup> observou que a experiência como atleta pode se configurar elemento estruturante da ressignificação da identidade laboral. Pressuposto que se evidente na experiência particular de Magic Paula quando sugere que o término da carreira atlética não representa o fim de um projeto de vida no esporte, mas a possibilidade de atuar neste contexto protagonizando projetos para o esporte, em que traços de liderança e valores

aprendidos durante a trajetória atlética se somaram a um processo particular de construção do papel de gestora.

### **Considerações metodológicas**

O caminho escolhido para o levantamento dos conteúdos de análise foi a exploração do Acervo de Memórias de Atletas Olímpicas Brasileiras<sup>24</sup>. Resultado de quase duas décadas de pesquisa de campo realizada pelo Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo (GEO-USP), o acervo reúne mais de 1300 narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros transcritas, concentrando atletas e pós-atletas das mais diferentes modalidades e momentos históricos do esporte brasileiro, dentre os quais se destacam as narrativas biográficas das mulheres olímpicas.

Sua narrativa biográfica é resultado de um trabalho colaborativo, estabelecido entre pesquisador e narrador (atleta, pós-atleta olímpico brasileiro), que ao revisitar experiências vividas direta e indiretamente no esporte, oferece ao pesquisador um panorama e um sentido à trajetória pessoal. A narrativa biográfica é uma tentativa de restabelecer contato com o lugar de origem, os lugares pelos quais o atleta andou, os desafios, alegrias e tristezas que vivenciou, bem como os destinos e rumos para os quais seguiu após o término da trajetória atlética<sup>25</sup>. O aporte teórico que sustenta esta abordagem concentra-se originalmente na História Oral, metodologia que a partir da metade do século XX se apropria da realidade narrativa como ferramenta crucial à investigação e compreensão das redes de fenômenos e sistemas que constituem a identidade particular e coletiva<sup>3, 18, 26, 27, 28, 29</sup>. O encontro entre atleta-narrador e pesquisador-ouvinte consiste o terreno da emergência e experiência estética que distingue o método e a obra narrativo-biográfico, estabelecendo o ambiente a partir do qual o narrador pode transpor fronteiras do estranhamento e da racionalidade objetiva, podendo transitar livre e criativamente por horizontes mais amplos da memória individual e da representação narrativa dos sentimentos<sup>31, 32</sup>.

A presente pesquisa é uma análise qualitativa baseada na leitura criteriosa de quatro narrativas biográficas de corredoras olímpicas brasileiras: Carmen de Oliveira, Magnólia Figueiredo, Márcia Narloch e Tânia Maria Miranda<sup>24</sup>. Leitura que tem por finalidade aproximar o pesquisador dos aspectos estruturantes das narrativas propriamente ditas e dos fatores relacionados à experiência de término, transição e significados atribuídos à vida pós-atleta. De caráter preliminar, esta pesquisa limitou-se dialogar com o aporte teórico

apresentado em revisão de literatura para discutir e analisar quatro aspectos apenas: (1) o papel das relações de gênero, (2) o fator idade/corpo, (2) as barreiras e (3) as estratégias de enfrentamento da mudança e, por fim, (4) os significados atribuídos à vida pós-atleta.

### **Análise e discussão sobre os resultados**

As narrativas biográficas aqui analisadas representam quatro histórias de corredoras brasileiras que percorreram suas carreiras atléticas entre os anos 1980 e 2000, colecionando títulos e prêmios resultantes de repetidas participações em circuitos estaduais, nacionais, sul-americanos, pan-americanos e edições olímpicas. Descrevem trajetórias marcadas por uma rotina de alta exigência produtiva, distanciamento do ambiente familiar, enfrentamento de lesões, da dor e de situações de preconceito. Por fim, abordam experiências particulares de transição de carreira que levaram as narradoras a assumir posições de liderança em projetos voltados à modalidade que praticavam<sup>24</sup>.

### **O papel das relações de gênero**

Quando questionadas acerca do que é ser mulher no esporte, as pós-atletas compreenderam que estavam inseridas em um contexto tradicionalmente estruturado para os homens e que a chance de fazerem do esporte uma carreira profissional passava necessariamente pela adoção de uma postura de enfrentamento e aceitação de si mesmas neste espaço.

E já sendo uma mãe, como é que ficaria todos na família de 9? Aí eu saio e volto com mais uma e ainda vou ser corredora, andar de short pelas cidades, fazendo exposição da minha figura. Isso não combinava com toda a situação vivida antes até eu ser atleta (Carmem de Oliveira).

Venho de uma família tradicional, e quando eu disse aos meus pais que iria seguir carreira de atleta, meu pai não fazia gosto. Dizia que isso é um esporte de homem e que eu iria ficar masculinizada, toda musculosa (Tânia Maria Miranda).

Me chamavam de “maria homem”, não sei o que lá. Eu não tive problema nenhum, né? Foi totalmente aceito. Primeiro pela minha família e depois por

mim. Eu acho que o fato de eu ter aceitado a modalidade, ter vestido a camisa, de que era aquilo que eu queria, ter defendido a modalidade, então, acho que eu não conseguia... se alguém chegou a comentar, não era nada que eu conseguia ouvir (Magnólia Figueiredo).

A dúvida sobre a legitimidade da escolha pela carreira e presença num espaço estruturado a partir de uma lógica heteronormativa atravessou toda trajetória esportiva das atletas, as quais, desde o início da carreira, têm que lidar com interdições e situações desestimulantes<sup>1, 2, 13</sup>. Soma-se a isso o fato de atletismo brasileiro figurar entre as modalidades de menor visibilidade, condição que afeta diretamente a visibilidade do empreendimento esportivo feminino<sup>1</sup>.

As narrativas biográficas reforçam a suspeita de que não há por parte das instituições esportivas/clubes preocupação objetiva e programática visando a diminuição dos efeitos e desdobramentos psicossociais da discriminação e preconceito de gênero contra a mulheres no esporte. E uma vez que este preconceito não se restringe ao contexto da prática esportiva, mas se manifesta originalmente no núcleo familiar, redimensionam-se as dúvidas sobre o destino de milhares de jovens que diante da força do preconceito e invisibilidade social abandonam precocemente o esporte ou buscam em outras cidades ou países maiores chances de seguir carreira no esporte<sup>3</sup>. Outra dúvida emerge em relação ao papel dos personagens apoiadores da carreira atlética feminina, como os professores, técnicos e os próprios pais.

Na realidade, quando eu dei início à minha carreira, que foi através de dois amigos - eu estava com 13 anos, por acaso saímos a correr um belo dia... E um deles falou “Pô Márcia, acho que você leva jeito para o atletismo, para ser uma boa corredora”. Aí eu falei: será? Vamos tentar, né”. Aí um deles, no dia seguinte me levou para a Universidade de Santa Catarina, na época um centro de treinamento onde treinavam os melhores atletas. Foi ali iniciei (Márcia Narloch).

Mas de maneira que já havia, assim, algum respeito, até porque na escola, como comecei a me destacar, então já existia aquela relação de muito mais promoção da modalidade, da minha pessoa, e isso foi cada vez mais me deixando com aquela certeza e aquele reconhecimento das pessoas. Então... eu gostava daquilo.

Gostava de saber que eu estava fazendo alguma coisa que as pessoas admiravam. Me dava uma satisfação pessoal muito grande. Então, esse conjunto de coisas convergiram para que eu consolidasse a opção. Eu tinha certeza do que eu queria (Magnólia Figueiredo).

Tudo iniciou a partir do segundo grau. Esse professor, que eu acredito que foi o diferencial. Acho que não é nem o programa, tem um professor que é apaixonado por aquilo e ele te conquista e mostra que é fácil, gostoso, que é possível. Ele conhece todo o caminho por onde você pode passar e por onde você pode chegar. Não conseguia imaginar tudo o que ele falava como sendo importante. Importante seria a sobrevivência da minha filha, a minha sobrevivência, e o atletismo, se pudesse virar reboque, me ajudando de alguma forma, seria muito bom (Carmem de Oliveira).

O núcleo familiar consiste a primeira instituição social a tomar conhecimento das aspirações emancipatórias da filha e, em muitas ocasiões, representa sua primeira plataforma de acesso e legitimação da escolha do esporte como carreira<sup>24</sup>. Conforme ilustra Magnólia Figueiredo, a família representa parte estruturante do autoconceito que a atleta constrói acerca de sua condição esportiva, contribuindo decisivamente com o enfrentamento e gestão de tensões relacionados às diferentes faces da discriminação institucional e social de gênero que atravessa a trajetória da atleta. Como também nos mostra a narrativa de Carmem de Oliveira:

[...] tinha toda essa questão, na premiação o homem ganhava dois mil, a mulher ganhava mil. Tinha essa diferença, em que isso foi corrigido ao longo do tempo, as mulheres questionando, mostrando essa igualdade e eu acredito que tudo isso aconteceu ao longo, não existia.

Na medida em que a carreira atlética se torna objeto de aspiração e ascensão social da mulher, ela passa a se defrontar com diferentes mecanismos de discriminação que persistem exercer força contrária à sua presença no esporte profissionalizado, oposição que não se apresenta de forma concreta, mas invisivelmente, através da manutenção de discursos e

imagens reducionistas e de políticas de distribuição salarial, premiações e cargos de liderança<sup>1,2</sup>. Essa circunstância se soma à aspectos inerentes à natureza do esporte profissional de alto rendimento, como a lesão, a dor e o fator idade.

### **O fator idade/corpo**

Segundo sugerem as narrativas das pós-atletas, lesão, dor e declínio da curva de desempenho, mais do que questões inerentes ao alto rendimento esportivo, configuram-se indicadores dos limites da vida esportiva que possibilitam a reflexão sobre a necessidade da adoção de estratégias de preparação para o término e a transição. Elas recordam essas experiências da seguinte maneira:

Já não tinha aquela energia, aquela força (...) abandonei no vigésimo quinto quilômetro, muito mal do estômago. Não consegui identificar a origem desse mal. E ali já foi praticamente fim de carreira em termos de resultados específicos (Carmem de Oliveira).

Em 2000 fiz o Troféu Brasil e vim pra São Paulo no mesmo ano. Fiz com muitas dores. Já estava com todos os movimentos limitados. De 1998 à 2002 fiquei dando um tempo pra ver se podia ser feito terapias, para não precisar de cirurgia. Foi um momento em que comecei a pensar que eu poderia contribuir mais com a minha cidade, que sempre me apoiou muito (Maria Magnólia).

Aos trinta e poucos anos, por mais que queiramos, o rendimento cai. Então, por exemplo, compor um revezamento, participar da prova, mas já tem um titular, você passa a ser, como se diz, o segundo elemento. Então você também tem que trabalhar a sua cabeça pra isso, porque as coisas começam a mudar. O próprio organismo vai respondendo de maneira diferente (Tânia Maria Miranda).

Depois de Atenas eu já estava com 35/36 anos. Iria aguentar até os Jogos Pan-Americanos do Rio, e chega. Já estava começando vir as lesões. Eu já estava começando a sentir e, não deu outra, acabou os Jogos Olímpicos da Grécia,

voltei, dei uma descansada, fizemos bons treinamentos, mas já pensando em encerrar nos Jogos Pan-Americanos, e foi o que aconteceu (Márcia Narloch).

O esporte de alto rendimento se ocupa essencialmente do corpo jovem e produtivo, que impulsionado pelo desejo de realização entrega-se (e é submetido) à extenuante e intensa tarefa de aperfeiçoamento da performance<sup>28</sup>. Esse regime de imersão no contexto esportivo encontra seu fim no momento em que o desgaste físico e o decréscimo do desempenho obrigam a atleta a pensar sobre o término e a vida fora do esporte<sup>22</sup>. O decréscimo do desempenho, especificamente, marca um processo gradual de subutilização da atleta, cujo desfecho será sua substituição e definitiva desvinculação institucional.

Dor, lesão e decréscimo de desempenho não são os únicos indicadores do término da carreira. A idade adulta representa para a atleta o encontro com um conjunto de demandas e interesses sociais concorrentes, como a necessidade de formação acadêmica, trabalho, dedicação à família e preparação para a aposentadoria propriamente dita<sup>4</sup>. É um momento em que pesa à decisão pela continuidade no esporte a chance de dedicar mais tempo a projetos que foram interrompidos pelo esporte, bem como explorar outras possibilidades de realização pessoal<sup>10, 23</sup>. Nesse sentido, o fator idade/corpo representaria não um problema, mas um benefício à atleta, uma vez que possibilita não apenas a compreensão dos limites da idade e do corpo, mas da extensão de uma vida que deve existir para além do esporte. Assim, a transição de carreira atlética se insere no conjunto de fases e transições que compõem o processo de desenvolvimento do sujeito.

### **Barreiras à transição de carreira**

Quando estava ali no auge da minha carreira, tentei por duas vezes fazer faculdade, mas devido ao fato de ficar viajando pra lá e pra cá, não conseguia me dedicar aos estudos. Então não adiantou, tive que desistir, trancar matrícula (Márcia Narloch).

Uma das principais barreiras à transição da carreira atlética encontra-se na forma como o esporte de alto rendimento profissional se estrutura. Ao capturar a maior parte do tempo, energia e interesses da atleta, o expediente esportivo em tempo integral reduz as

possibilidades de a atleta vivenciar experiências e papéis relacionados à totalidade e complexidade da vida adulta, reduzindo-a à condição de atleta e, com isso, dificultando a construção de posturas que correspondam à finitude da carreira atlética<sup>8, 11, 12</sup>.

Sobre o imaginário esportivo contemporâneo prevalece a equívoca ideia de que a dedicação ao esporte de alto rendimento deve ser uma espécie de romance trágico em que a abdicção da vida consiste no único caminho para a realização do sonho olímpico e do grande feito. Essa ideia tem sido oportunamente desconstruída através de estudos de casos com atletas que, ao terem a chance de se dedicarem de forma equilibrada a outras dimensões da vida, passam a perceber que tal agenda os beneficia não só no que se refere à compreensão e enfrentamento da transição, mas na percepção da evolução do desempenho e satisfação com o com a carreira atlética<sup>10, 33, 23</sup>. As narrativas sugerem que o enfrentamento dessa barreira pela atleta se dá de maneira solitária e marcada por tensões, uma vez que os clubes/ instituições esportivas nem sempre compreendem a vulnerabilidade a que a atleta está submetida<sup>21</sup>.

E quando estava terminando ensino médio, o técnico falou: “menina, você tem muitas funções, é uma atleta “nata”. É só lhe dar um encaminhamento, um polimento, que você já entra em forma. Não quer fazer o vestibular da universidade para que futuramente se torne uma universitária formada?”. Aquilo cresceu meu olho, porque vinda de família pobre e ter a oportunidade de fazer uma faculdade... Então, em 1978 finalizei no Flamengo. Foi uma confusão “danada”, porque minha técnica até então não aceitou muito, mas eu tinha que priorizar o meu lado né, principalmente em termos de estudos (Tânia Maria Miranda).

Embora a experiência atlética empreste importantes habilidades e valores potencialmente transferíveis a outras atividades profissionais, a transição de carreira representa o redimensionamento das relações sociais e o enfrentamento de demandas que requerem competências específicas. Conforme sugere a narradora, a tomada de decisão pelo equilíbrio de prioridades tem por objetivo preparar a atleta para desafios da vida cotidiana cuja formação meramente esportiva não compreende, e sim a formação técnica, por exemplo. A preparação educacional formal, paralelamente à carreira atlética, pode preencher esta

lacuna, oferecendo horizontes alternativos de atuação laboral, bem como um sentido de continuidade da vida pós-atleta, atenuando implicações negativas da fase de desajustamento, como o sentimento de perda de identidade ou o desemprego. Atletas universitários, assim como atletas amadores, tendem enfrentar o término e a transição de carreira atlética com maior facilidade, uma vez que esta dupla jornada os mantém de tal forma integrados à dinâmica e interesses da vida ordinária<sup>6, 10</sup>.

Mas, segundo a experiência das narradoras, barreiras à transição não se resumem ao caráter alienante do expediente esportivo. A universidade também parece alheia à questão do término da carreira atlética ao conceber o atleta em atividade como seu principal objeto de pesquisa, em detrimento da proposição de agendas curriculares que compreendam a especificidade e vulnerabilidade da categoria em foco. Como ocorre à maioria dos atletas de alto rendimento<sup>24</sup>, três das quatro pós-atletas participantes desta pesquisa só puderam cursar – não por escolha – o ensino superior após o término da carreira atlética. Tânia Maria Miranda se distingue das demais participantes, pois percorreu carreira atlética vinculada à universidade. Condição que lhe permitiu acesso ao ensino superior e a outra profissão, antes mesmo de encerrar carreira atlética.

Eu competi até 1990. Os Jogos Olímpicos aconteceram em Seul, em 1988, quando eu já estava encerrando, até mesmo em função do compromisso de trabalho. Treinei na universidade, que me deu toda estrutura, e onde fiz três faculdades e me entregaram um bom cargo (Tânia Maria Miranda).

As narrativas aqui analisadas não trazem maiores detalhes que nos permitam estender o debate sobre as implicações da conciliação de agendas. Apesar de ser uma peculiaridade do modelo esportivo norte-americano, essa abordagem acompanha a maioria das experiências bem-sucedidas término e transição de carreira atlética, pois oferece aos atletas uma percepção mais ampliada e potencial sobre suas trajetórias de vida, bem como a concepção do término da carreira atlética como fase natural<sup>6</sup>. Obviamente, a transição não é simples, tampouco linear ou de curto prazo<sup>4</sup>. Desencontros e desilusões da experimentação de outros papéis sociais fazem parte do processo de adaptação do pós-atleta à sua nova realidade<sup>6</sup>.

### **Estratégias de enfrentamento do término e da transição**

O fato de a profissão atleta ser altamente instável e praticamente desvinculada dos sistemas de seguridade social, evidencia a urgência da elaboração de estratégias de preparação do atleta para o enfrentamento do término e da transição de carreira. Vale acrescentar que são pouquíssimos os atletas que obtêm altos ganhos financeiros, tampouco são os que sobrevivem do esporte durante toda a carreira<sup>24</sup>. O espetáculo esportivo profissionalizado encarna uma tendência contemporânea do mundo do trabalho em que a flexibilização e efemeridade das relações de trabalho entre instituição e atleta ganham legitimidade, agravando ainda mais as discontinuidades da carreira atlética. Esse panorama acompanha em grande medida os atletas e modalidades de menor visibilidade e especialmente as mulheres<sup>1,2,3,13,24</sup>. Narram as pós-atletas que tanto não foram surpreendidas pelo fim da carreira esportiva como se prepararam financeiramente para a transição investindo o pouco capital acumulado no esporte em empreendimentos futuros. Tinham mínima consciência do que representava seguir carreira pouco prestigiada e por isso tiveram que aprenderam a administrar riscos. Apesar das dificuldades de conciliação de agenda, conceberam a formação superior como parte de um projeto particular de vida para além do esporte<sup>15</sup> e, à própria maneira, encararam a finitude.

É um momento em que você tem que se preparar muito, pois você sabe que a partir daquele momento você passa a ser apenas mais uma, não é mais aquela atleta de antes, não é mais paparicada, não adianta (Márcia Narloch).

A narrativa de Narloch sugere que a experiência de transição requer uma mudança de pressupostos pessoais – como bem definiu Schlossberg<sup>4</sup> – em que a condição de prestígio alcançada no âmbito esportivo deve ceder lugar ao caráter ordinário e anônimo, porém não menos virtuoso, da vida pós-atleta. O retorno da atleta às atividades comuns e de menor prestígio social, como bem ressaltou Coakley<sup>6</sup>, e reforçam as narrativas biográficas, não significa necessariamente uma experiência frustrante ou malsucedida de transição, mas uma espécie de benefício em face de uma extenuante jornada esportiva que chega ao fim. Essa estratégia de enfrentamento da transição pela atleta traz consigo um componente subjetivo de avaliação e atribuição de sentido à própria trajetória esportiva e vida pós-atleta.

Eu corri, busquei o tempo todo o percurso, a medalha para o Brasil. Dei a medalha de prata para o Brasil. E assim que eu cruzei aquela linha de chegada eu

falei assim pra mim mesma: “o meu feito, fiz tudo que pude pelo atletismo brasileiro, dei tudo o que eu pude, para o povo brasileiro”. Me senti realizada (Márcia Narloch).

Eu era uma pessoa muito tímida, ainda sou, mas o atletismo, essa troca, essa interação com as pessoas, com o público, eu não sabia muito bem lidar com a fama. Você, de repente, sai de um lugar humilde e, de repente você, você conhece atletas, pessoas de outros lugares de outras nações. Essa interação com as colegas com as pessoas, valeu muito. Me soltei um pouco. A nível financeiro também, porque eu não tinha casa, não tinha nada e, de repente, com a prática desportiva, os prêmios que ganhei. Consegui comprar casa para os meus pais, pra mim, então, o atletismo foi um momento muito especial na minha vida, muito mesmo (Tânia Maria Miranda).

As narrativas mostram que a transição é elaborada pela atleta não apenas com base no dado objetivo dos limites do corpo e demandas sociais da idade adulta, mas a partir da construção de um portfólio ou somatório de realizações e valores aprendidos no e através esporte que reforçam um sentido de missão cumprida. Característica que outros pós-atletas apresentam ao narrar a própria experiência de término e transição. A passagem pela seleção nacional, a realização do sonho olímpico, bem como a consista de medalhas e records, constituem a razão de ser do atleta, ao mesmo tempo em que determinam o fim de sua trajetória e a hora de explorar outros horizontes<sup>10</sup>.

Mas estratégia que melhor representa o processo de transição das narradoras é a postura previdente:

Teve toda essa organização também profissional. Não foi aquela coisa de cair. Tive esse zelo, esse cuidado de investir em imóveis. Era um capital que estaria ali guardado para um processo que eu realizaria depois (...) Depois vem a questão profissional, pois você não tem noção do quanto você vai precisar, o que você precisa para se estabelecer, qual é o padrão que você quer ter (Carmem de Oliveira).

Já estava com um projeto social desde 1999, queria incrementar, estar mais tempo, buscar outras alternativas, outras preocupações minhas que eu teria, com o próprio projeto para o qual eu queria doar mais tempo (Maria Magnólia Souza Figueiredo).

Carmem narra que se preparou para a transição e vida pós-atleta primeiramente organizando-se financeiramente. Os prêmios conquistados durante a carreira ajudaram-na a se estabelecer durante nos primeiros anos pós-carreira atlética. Sua trajetória também se distingue pelo trânsito constante entre compromisso esportivo e realidade cotidiana. Embora o compromisso esportivo tivesse importância central em sua vida, a condição de mãe, aos dezesseis anos de idade, impôs-lhe a necessidade do cuidado com o futuro, em virtude da família. É do trânsito entre carreira esportiva e vida cotidiana que emergem esboços, planos, desejos e projetos para além do esporte, como também demonstra Magnólia Figueiredo. Quando atleta, coordenava um projeto social de esporte, para o qual passou querer dedicar mais tempo às vésperas do término da carreira. Sua experiência de transição persiste reforçar hipótese de que a gestão equilibrada entre compromisso esportivo e vida para além do esporte está no centro das experiências bem-sucedidas de transição e ressignificação da identidade atlética.

### **Significados da transição de carreira e vida pós-atleta**

Me adaptei rapidamente à minha condição de cidadã comum. Entrei nesse rol (...) minha realidade é essa, minha condição é essa (Carmem de Oliveira).

Obviamente, todo processo de adaptação à vida pós-atleta será marcado por fases de dificuldade e longo período ajustamento, no entanto, como sugere a narrativa, o conhecimento e a aceitação da condição pós-atleta representa a tomada de decisão que poder restabelecer o caráter natural da fase de término, bem como das progressivas mudanças de papel ao longo da vida. Ao aceitar a finitude, a atleta dá um importante passo rumo à aceitação de si mesma e de outras possibilidades de ser e estar no mundo, as quais são organizadas na e pela sua rede de apoio social<sup>4</sup>.

Depois, nessa fase de estabilidade, fui convidada a fazer parte de um grupo da Federação, e aí começou minha vida como dirigente. É uma visão diferente, mais construtiva, não só pra você. Perdi a relação umbilical (...) Passei a ter uma visão de como o atletismo pode ganhar, como minha experiência pode contribuir com a experiência dos demais (Carmem de Oliveira).

Me serviu muito, não só como experiência desportiva, mas para minha própria vida. Porque forjei meus valores morais na prática desportiva, nessa troca, nesse conhecimento, envolvimento; porque o esporte é um período muito curto da sua vida, para fins competitivos, um período curtíssimo, então, o que eu foquei nesse período curtíssimo de prática desportiva, primeiramente por ser oriunda de família pobre, foi obter o máximo de resultados possíveis que me dessem condições não só de viajar, mas também estudar numa boa universidade, que foi o que aconteceu. E também depois visar meu lado profissional, porque se você está obtendo boas marcas, também tem oportunidades de ter um bom trabalho, você tem oportunidade de fazer amizade com pessoas que vão lhe dar uma certa estrutura; então eu visei isso tudo (Tânia Maria Miranda).

A passagem pela carreira atlética pode ser concebida como um processo de preparação ou plataforma para a vida pós-atleta, como sugere a narrativa de Tânia. Pode ser também um momento de ampliação das redes de apoio social que auxiliarão a atleta durante e após a sua transição de carreira. Entretanto, conforme as próprias pós-atletas vão narrar, as redes de apoio social não são suficientes ao processo de transição, uma vez que determinadas atividades profissionais estão rigidamente limitados à competência técnica, ou seja, à formação universitária, à experiência laboral, ao sabor do próprio mercado de trabalho e aos interesses particulares da atleta.

Então, gosto de treinar com os atletas, de estar entre eles, ajudar, interagir, e é isso que estou fazendo. Me sinto feliz assim (Márcia Narloch).

Não deixei de ser a Tânia Maria Miranda, não deixei de ser recordista, mas fiz recordistas, é tudo uma questão de você trabalhar (Tânia Maria Miranda).

Eu vi que muito dos resultados do nosso curso (referindo-se ao atletismo) eram considerados frutos do acaso e não de uma política pré-estabelecida. Então, essa passou a ser minha bandeira: reclamar por alguma coisa onde não fosse oportunizada apenas para alguns (Carmem de Oliveira).

Eu não precisava de um cargo para contribuir. Eu já acho que contribuo com o projeto social, porque as nossas intervenções são muito positivas dentro do nosso estado, mas eu queria, poderia contribuir, se era pra ajudar no que a gente pudesse, implantar as políticas públicas, estar mais próximo para passar um pouco da minha experiência; porque estou há quatro anos também coordenando o esporte universitário que só tem crescido. Realmente a gente tem conseguido fazer uma diferença (Magnólia Figueiredo).

Um último significado da transição e vida pós-atleta que se configura sob a lente das narrativas biográficas diz respeito à noção de pertencimento à modalidade esportiva praticada. Noção também compartilhada entre instituições e pessoas que requisitam a participação das pós-atletas em projetos relacionadas ao esporte. Não raro, esse fenômeno sugere que a experiência esportiva confere à atleta determinados saberes, baseado nos quais ela tende a realizar uma transição para dentro, permanecendo no contexto esportivo com a tarefa de compartilhar tais saberes, assumindo posições de liderança (professoras, treinadoras, gestoras).

### **Considerações finais**

Longe de querer esgotar o assunto, a presente análise propôs uma leitura qualitativa e preliminar sobre as características da experiência de término e transição de carreira da mulher-atleta brasileira, sugerindo hipóteses, cuja discussão prosseguirá em pesquisas futuras. A priori, esse estudo observa que a experiência de término de carreira atlética feminina não é concebido pela atleta como um evento inaugural, uma vez que a percepção do caráter iminente do término e da finitude da carreira esportiva atravessa a vida da atleta de

diferentes maneiras e ao longo de toda a sua trajetória, requerendo dela posturas mais previdentes e certa autonomia no processo de preparação para a transição, tendo em vista a inexistência de programas formais de apoio ou de sistemas de seguridade social voltado à categoria atleta. O estudo sugere ainda que diferentes formas de preconceito de gênero estão relacionadas à forma como a mulher legitima sua condição de atleta dentro de um contexto hostil à sua presença. Ainda no início da prática esportiva, a atleta deve lidar com discursos contrários às suas aspirações emancipatórias. E em estágios mais avançados da carreira se defronta com uma discriminação institucional que se traduz, por exemplo, em distribuição salarial desigual. Problemas que se somam à questões inerentes ao esporte de alto rendimento profissional determinantes do término da carreira, como a idade, a dor e o decréscimo do desempenho atlético.

As narrativas biográficas sugerem que a transição da carreira atlética feminina depende de uma rede de apoio social (aqui formada pelo núcleo familiar e própria comunidade esportiva), através da qual a atleta pode encontrar e articular alternativas de atividades laborais condizentes com os saberes, competências e valores aprendidos no e com o esporte. No entanto, mostram também que as funções das redes de apoio, bem como a gestão previdente da carreira atlética, estão limitadas às exigências de formação técnica e experiência laboral progressiva; tarefas nem sempre possíveis de conciliar, uma vez que o expediente esportivo e a ausência de alternativas curriculares no próprio ensino superior, a inviabilizam. Em outras palavras, o próprio expediente do alto rendimento esportivo profissional representa uma barreira à possibilidade de a atleta adotar abordagens mais condizentes com o caráter instável de sua carreira.

A pesquisa aponta para a necessidade de análises que se ocupem de um número maior de narrativas biográficas, de maneira que as hipóteses aqui levantadas possam ser ampliadas ou refutadas. Aponta também para a escassez de investigações sobre práticas institucionais e resultados de estudos experimentais que possam oferecer elementos ao desenvolvimento de projetos e programas de apoio à carreira esportiva adequados às especificidades da categoria em foco.

## Referências

1 Rubio K. Mulheres olímpicas brasileiras: gente é pra brilhar, não pra morrer de fome. In: RUBIO K. As mulheres e o esporte olímpico brasileiro. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.

- 2 Goellner SV. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2005; 19(2): 143-151.
- 3 Rubio K. Processos migratórios e deslocamentos: caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos jogos olímpicos de Barcelona em 1992. *Olimpianos: Journal of Olympic Studies*. 2017; 1(1): 53-67.
- 4 Schlossberg NK. A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*. 1981; 9: 2-18.
- 5 Wylleman P, Lavallee, D, Alfermann, D. Career Transitions in Competitive Sports *Fédération Européenne de Psychologie des Sports et des Activités Corporelles European Federation of Sport Psychology*. 1999: 1-44.
- 6 Coakley J. Leaving competitive sport: retirement or rebirth? *Quest*. 1983; 35: 1-11.
- 7 Ungerleider S. Olympic athletes' transition from sport to workplace. *Percept Motor Skill*. 1997; 84 (3 Pt 2): 1287-1295.
- 8 Webb M, Nasco SA, Rieley S, Headrick, B. Athlete identity and reactions to retirement from sports. *Journal of Sport Behavior*. 1998; 21(3): 338-362.
- 9 Lif, S, Lindmark, E. Successful and less successful athletic retirement in Swedish female elite athletes - Contributing factors. C-paper in sport psychology. Halmstad University: School of Social and Health Science; 2012.
- 10 Ferreira Junior, NS. A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise com base em narrativas biográficas. 2014. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- 11 Lally, PS. Identity and athletic retirement: A prospective study. *Psychol Sport Exerc*. 2007; 8: 85-99.
- 12 Grove, JR, Lavallee, D, Gordon S. Coping with retirement from sport: The influence of athletic identity. *Journal of Applied Sport Psychology*. 2008; 9(2): 191-203.
- 13 Adelman M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Estudos Feministas*. 2003; 11(2): 445-465.
- 14 Greendorfer, SL, Blinde, EM. Retirement From Intercollegiate Sport: Theoretical and Empirical Considerations. *Sociology Sport Journal*. 1985; 2: 101-110.
- 15 Alison, MT, Meyer, C. Career problems and retirement among elite athletes: the female tennis professional. *Sociology of Sport Journal*. 1988; 5: 212-222.
- 16 Vertinsky, PA. Gender relations, women's history and sport history: a decade of changing enquiry, 1983-1993. *Journal of Sport History*. 1994; 21(1): 1-24.
- 17 Perrot M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto; 2007.
- 18 Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A; 2006.
- 19 Rubio K. Joaquim Cruz –Estratégias de Preparação Psicológica: da teoria à prática. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2008.
- 20 Tralci Filho M, Rubio K. As identidades da atleta brasileira: os "pontos de apego temporários" da mulher na vida esportiva. *Movimento*. 2012; 18(02): 255-275.
- 21 Oliveira R, Polidoro DJ, Simões AC. Perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres-atletas de voleibol. In: Simões AC. Organizador. *Mulher & Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole; 2003.
- 22 Markunas M. Quando a lesão leva a transição? In: Rubio K. Organizador. *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. Casa do Psicólogo: São Paulo; 2012.
- 23 Ferreira Junior NS. Entre o passado e o presente: o jogo dos papéis nas narrativas de transição de carreira de Paula e Agra. In: Rubio K. Organizador. *Preservação da Memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos; 2014.
- 24 Rubio K. *Atletas olímpicos brasileiros*. São Paulo: SESI-SP Editora; 2015.

- 25 Ferreira Junior NS. Contextos e elementos constitutivos do método. In: Rubio K. Organizador. *Narrativas Biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Editora Laços; 2016.
- 26 Queiroz MIP. Relatos orais: fazer “indizível” ao “dizível”. In: Von Simon OM. *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais; 1998.
- 27 Geertz C. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC; 2008.
- 28 Rubio K. *O Atleta e o Mito do Herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 29 Rubio K, Ferreira Junior NS. Transição durante a fase do amadorismo. In: Rubio K. Organizador. *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. Casa do Psicólogo: São Paulo; 2012.
- 30 Rubio K. Memórias e narrativas biográficas dos olímpicos brasileiros. In: Rubio K. Organizador. *Preservação da memória: a responsabilidade social dos jogos olímpicos*. São Paulo: Képos; 2014.
- 31 Seligmann-Silva M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. 2008; 15(2): 65-82.
- 32 Leão L. Narrativas e histórias de vida na pesquisa acadêmica: reflexões sobre o método. In: Rubio K. Organizador. *Narrativas Biográficas: da busca à construção do método*. São Paulo: Editora Laços; 2016.
- 33 Price N, Morrison N, Arnold S. Life out of the limelight: Understanding the non-sporting pursuits of elite athletes. *The International Journal of Sport and Society*. 2010; 1(3): 67-81.
- 34 McNight K, Bernes K, Gunn T, Chorney D, Orr D, Bardick A. Life After Sport: Athletic Career Transition and Transferable Skills. *Journal of Excellence*. 2009; 13: 63-77.